

Do Maracanazo ao Mineiraten: um estudo da memória a partir das narrativas da imprensa na Copa de 2014

*From Maracanazo to Mineiraten: a memory study
from the press stories from the 2014 World Cup*

Ronaldo George Helal | Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ (PPGCOM/Uerj)
Professor Associado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da Faculdade
de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutor em
Sociologia pela New York University. É pesquisador 1C do CNPq e Pós-Doutor
em Ciências Sociais pela Universidad de Buenos Aires.
E-mail: rhelal@globo.com

Fábio Aguiar Lisboa | Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ (PPGCOM/Uerj)
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ (PPGCOM/Uerj)
na linha Cultura de Massa, Cidade e Representação Social. Membro do
Grupo de Pesquisa Esporte e Cultura (FCS/UERJ)
E-mail: fabioaguiarlisboa@gmail.com

Resumo

O presente trabalho se propõe a analisar as narrativas da imprensa brasileira sobre a derrota de 7 a 1 do Brasil para a Alemanha em partida válida pela semifinal da Copa do Mundo de 2014, buscando identificar como a memória é acionada nesta oportunidade. Para isto se parte de uma hipótese, a de que algumas narrativas deste revés provavelmente se tornarão lembranças que futuramente serão acionadas por jornalistas esportivos quando se falar deste jogo.

Palavras-Chave: esporte; memória; imprensa.

Abstract

This study aims to analyze the narratives of the Brazilian press about the defeat of 7 to 1 of Brazil to Germany in a match valid for the semifinal of the World Cup 2014 in order to identify which memory is triggered in this opportunity. The study has as its hypothesis that some narratives of this setback will become memories that in the future will be posted in action by sports journalists when speaking of this game.

Keywords: sport; memory; press.

Introdução

Daqui a alguns anos, quando se escrever e falar sobre a Copa do Mundo de 2014, provavelmente serão inúmeras as histórias contadas. Narrativas que descreverão grandes vitórias, derrotas inesperadas, jogadores brilhantes e a alegria da torcida. O fato é que, quando se falar deste evento, diferentes memórias poderão ser acionadas por diferentes atores, dependendo do contexto no qual os mesmos estiverem inseridos.

Quando se considera especificamente o contexto brasileiro, quando se fizer referência ao Mundial de 2014, uma lembrança específica tem grande possibilidade de ser acionada de forma preferencial: A derrota de 7 a 1 da seleção brasileira para a Alemanha, em partida válida pela semifinal da competição.

E o presente trabalho se volta justamente para as narrativas produzidas pela imprensa nos dias posteriores a este evento, e no “aniversário” de um ano do jogo. Desta forma, pretende-se realizar um estudo sobre a atuação da memória em relação a um momento marcante para o futebol brasileiro, identificando as narrativas de episódios do passado acionadas nestas oportunidades, bem como especular que narrativas desta derrota provavelmente passarão a ser parte das lembranças que futuramente serão acionadas quando se falar da derrota de 7 a 1 do Brasil para a Alemanha na Copa de 2014.

A Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil nos meses de junho e julho de 2014, aconteceu em meio a uma grande expectativa¹, a de que a conquista do título da Copa de 2014 pudesse apagar a frustração causada pelo Maracanazo: A derrota do Brasil para o Uruguai em partida decisiva da Copa de 1950, torneio também realizado em território brasileiro.

No entanto, a vitória sobre a equipe alemã, que daria ao Brasil a esperada vaga para a final da Copa de 2014, não veio, e nos dias posteriores a este episódio a imprensa passou a procurar explicações para a derrota e a começar a elaborar narrativas sobre o revés.

No processo de narrar e buscar explicações para a derrota para a Alemanha a memória se fez presente na imprensa esportiva, que citou em suas narrativas lembranças de Copas e seleções do passado. E é a relação da mídia com a memória que será destacada neste estudo.

Em diferentes oportunidades, a imprensa esportiva brasileira identifica o Brasil como o “país do futebol”. Uma das formas de fazer isto é defendendo a teoria de que existe um determinado estilo de futebol por meio do qual o jogador brasileiro se singularizaria. Este estilo específico de jogar (que foi nomeado inicialmente como *Foot-ball Mulato* pelo cientista social Gilberto Freyre²) é chamado atualmente de futebol-arte e tende a ser localizado em atletas e equipes brasileiras do passado.

Segundo Guedes (2009, p. 459), esta interpretação tem como aspecto central a ideia de que “o ‘estilo nacional brasileiro’ mantém estreita relação com o ‘povo brasileiro’, retomando, no campo do futebol, um debate que ocupou, por décadas, o chamado ‘pensamento social brasileiro’: as avaliações do potencial e dos limites da ‘mestiçagem’”.

Seguindo esta linha interpretativa, DaMatta (1982, p. 27) diz que “o futebol brasileiro se distingue do europeu pela sua improvisação e individualidade dos jogadores que têm, caracteristicamente, um alto controle de bola”.

O pesquisador Fabio Franzini afirma que a ideia de que o brasileiro possuía um estilo próprio de praticar futebol, tão difundida nos tempos atuais, começa a circular na imprensa apenas alguns dias após da conquista do Campeonato Sul-Americano de 1919 pela seleção brasileira:

Matéria do jornal O Estado de São Paulo publicada dias depois da conquista, em 1º de junho, por exemplo, afirmava que “os jogadores brasileiros evidenciaram possuir as melhores qualidades que se podem desejar em ‘footballers’, qualidades que somente eles, e nenhum outro povo, reúnem todas”. Alguns meses mais tarde, com os ânimos mais serenos, o jornalista Americo R. Netto retomaria essa ideia para anunciar o surgimento de certa “escola brasileira de futebol”, cuja originalidade se basearia no talento individual dos nossos atletas (FRANZINI, 2009, p. 129).

Contudo, é no decorrer da Copa de 1938 que a ideia de que o brasileiro possuiria uma forma singular de jogar o futebol parece se sedimentar. No dia 17 de junho de 1938, dois dias após o Brasil ser eliminado da competição pela Itália, o cientista social Gilberto Freyre publica em sua coluna no *Diário de Pernambuco* um texto emblemático sobre a distinção do estilo de jogo do brasileiro frente às equipes europeias.

uma das condições de nosso triunfo, este ano, me parecia a coragem, que afinal tivéramos completa, de mandar à Europa um time fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns, é certo; mas grande número, pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros. [...] O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de Nilo Peçanha que foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança ou capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para psicólogos e sociólogos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil (Freyre, 1938, p. 4).

Para Sarmiento (2013, p. 71) Freyre acabou estabelecendo naquele momento “os polos de um debate que perseguiria o selecionado. A expressão da nacionalidade mestiça se manifestaria através da criatividade, da arte, e seria incompatível com a norma, o esquema, a tática, a racionalidade”. Neste debate se questionava: “O que era superior? O talento ou a organização, a arte ou a ciência? Se a finta mulata era uma expressão a ser valorizada, como avaliar o confronto desta com a cultura apolínea europeia?”.

Contudo, este questionamento permaneceu em pauta e, segundo Gil (1994), a ideia de que o futebol arte era a expressão do brasileiro e de sua seleção de futebol foi se constituindo no Brasil paulatinamente entre os anos de 1930 e de 1974, tendo seu ápice com a seleção de 1970, que conquistou a

Copa do Mundo realizada naquele ano, no México, apresentando um estilo de jogo no qual a técnica e a habilidade de seus atletas foi o diferencial em relação aos adversários.

Este tipo de narrativa, na qual se encontra a memória, pois são identificadas narrativas de fatos passados, fica mais evidente em competições como a Copa do Mundo.

Guedes (2009, p. 464) destaca este caráter singular das Copas do Mundo, em especial para produzir uma certa brasilidade. Segundo a pesquisadora, nestas oportunidades se estabelece uma temporalidade própria, apresentada como suspensão “em relação ao tempo histórico. Em um processo de intensificação crescente, é a memória da participação do selecionado nacional – logo, do Brasil – nas Copas do Mundo que fica em foco”.

“Nesse tempo suspenso, liminar, escreve-se uma outra história, aquela na qual se produz a utopia da nação brasileira como povo e como comunidade”, diz Guedes (2009, p. 464).

Memória

Para começar a falar sobre memória, categoria central para este trabalho, faremos uso de considerações do historiador francês Jacques Le Goff (1982) quando se refere a esta categoria de uma forma genérica, não se limitando apenas a como este conceito aparece no campo das ciências humanas.

Segundo Le Goff, nestas circunstâncias a memória pode ser compreendida como uma capacidade individual, uma “capacidade de conservar certas informações” que aponta para um “conjunto de funções psíquicas graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1982, p. 9).

Contudo, Le Goff (1982, p. 10) afirma que, com o decorrer do tempo, alguns estudiosos aproximam a memória de “fenômenos que fazem parte integrante da esfera das ciências humanas e sociais”. Ele cita, por exemplo, o psicólogo e psiquiatra francês Pierre Janet, que aponta o “comportamento narrativo” como o ato mnemônico fundamental.

Quem também trata da questão da memória é o sociólogo austríaco Michael Pollack. Em conferência³ na qual aborda a relação da memória com a identidade social, Pollak (1992) diz que três são os elementos constitutivos da memória, seja individual ou coletiva.

Os primeiros destes elementos, segundo Pollak (1992, p. 201), são “os acontecimentos”, tanto os vividos pessoalmente como os que ele chama de “vividos por tabela”. Estes acontecimentos são episódios vivenciados pela comunidade ou pelo grupo ao qual um indivíduo acredita pertencer.

Sobre este segundo tipo de acontecimento Pollak (1992, p. 201) diz: “são acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não”.

Em segundo lugar, o autor afirma que a memória também se constitui por pessoas, personagens:

Também podemos aplicar o mesmo esquema, falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço tempo da pessoa (POLLAK, 1992, p. 201).

Considerando o estudo que é proposto aqui, grandes jogadores do passado como Pelé e Garrincha são exemplos de personagens a partir dos quais a memória se manifesta, pois a partir deles são formadas lembranças da seleção brasileira no decorrer da história.

Em terceiro lugar, Pollak (1992, p. 202) diz que a memória é constituída por lugares que estão “particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico”. Neste ponto, o sociólogo austríaco parece fazer menção ao trabalho do historiador francês Pierre Nora sobre a categoria lugares de memória⁴.

Como destacado anteriormente, Le Goff (1982) afirma que o aspecto narrativo da memória, que é evidenciado por alguns estudiosos, a aproxima do campo das ciências humanas. E é justamente uma das perspectivas da memória estudada no campo das ciências humanas que será privilegiada no presente trabalho, a memória coletiva.

Retornando à conferência na qual discute a relação da memória com a identidade social, Pollak (1992, p. 201) diz que, “a priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa”. Porém ele cita o trabalho do sociólogo francês Maurice Halbwachs, realizado nos anos 20 e 30 do século passado, para afirmar que “a memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo ou social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”.

E é justamente o trabalho de Halbwachs que será considerado a partir de agora para se falar sobre a memória coletiva. Para o sociólogo francês, o aspecto coletivo da memória se revela mesmo quando o que está em questão são eventos vividos apenas por um indivíduo. Isto acontece porque cada um carrega consigo contextos sociais nos quais está inserido, contextos estes que são fundamentais na reconstrução da memória.

Halbwachs (2003, p. 30) diz que “nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos”. Este fenômeno ocorre porque jamais ficamos sozinhos. Devemos ter sempre em mente que “não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem”.

Ainda segundo Halbwachs (2003, p. 39), “para que nossa memória se aproveite da memória dos outros” não é suficiente que contemos com os testemunhos

de outros indivíduos. Mas é necessário que as diferentes memórias tenham pontos de contato umas com as outras. Isto permitirá que “a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum”.

Ainda sobre o processo de formação de uma memória coletiva, o sociólogo diz:

Não basta reconstruir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2003, p. 39).

Outro aspecto destacado pelo sociólogo francês e que evidencia o caráter coletivo da memória tem relação com o processo de recordação. Segundo Halbwachs (2003, p. 66), “os fatos e ideias que mais facilmente recordamos são do terreno comum”, são os compartilhados com outros indivíduos. “Essas lembranças existem para ‘todo o mundo’ nesta medida e é porque podemos nos apoiar na memória dos outros que somos capazes de recordá-las a qualquer momento e quando desejamos”, afirma.

Além disso, no âmbito da memória coletiva ainda será considerada mais uma contribuição de Halbwachs. Ao falar da relação de determinadas lembranças individuais com uma lembrança coletiva específica ele afirma que nem sempre esta mantém uma uniformidade, mas pode haver variação nas lembranças que diferentes indivíduos terão, por exemplo, de um episódio específico: “De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes” (HALBWACHS, 2003, p. 69).

Este último aspecto da memória coletiva permite que seja feita uma relação com a perspectiva de Pollak (1992, p. 203) de que a memória (neste caso ele se refere à individual) é um elemento seletivo, pois “nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”. Contudo, depois ele diz que esta característica também se revela na memória coletiva.

Além disso, Pollak (1992, p. 203) diz que “a memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa”. Segundo o autor, o momento em que a memória é articulada faz com que a mesma sofra flutuações: “As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada” (POLLAK, 1992, p. 204).

Consequentemente, Pollak (1992, p. 204) afirma que a memória, seja ela individual ou coletiva, é um fenômeno que passa por modos de construção que “podem tanto ser conscientes como inconscientes”. No caso da memória herdada, ele diz que a mesma pode estabelecer uma relação com o processo de formação de identidades: “A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva”.

Até aqui foi destacada a categoria memória e a alguns de seu desdobramentos. A partir de agora se discutirá a relação da memória com a mídia.

Mídia, história e memória

O objetivo aqui é pensar sobre a relação existente entre a mídia e a memória. As pesquisadoras Ana Paula Goulart Ribeiro e Danielle Ramos Brasiense afirmam que na contemporaneidade os meios de comunicação são “os grandes mediadores entre os sujeitos e o mundo (...). A história do nosso tempo (...) é aquela vivida através dos meios de comunicação” (RIBEIRO E BRASIENSE, 2007, p. 222).

A transformação do status do jornalismo no campo histórico acontece em meio a mudanças, com fenômenos como a multiplicação de episódios e personagens que passam a receber atenção da atividade histórica, o fim da ideia de que esta é uma atividade exclusiva de alguns “profissionais” e a aceitação de novas fontes.

Segundo Ana Paula Goulart Ribeiro, “os meios de comunicação, neste século, passaram a ocupar uma posição institucional que lhes confere o direito de produzir enunciados em relação à realidade social aceitos como verdadeiros pelo consenso da sociedade” (RIBEIRO, 2003, p. 97).

Como consequência, “a história passou a ser aquilo que aparece nos meios de comunicação de massa que detêm o poder de elevar os acontecimentos à condição de históricos. O que se passa ao largo da mídia é considerado, pelo conjunto da sociedade, como sem importância”, afirma Ribeiro (2003, p. 97). Com esta mudança de status, a mídia se transforma no “principal lugar de memória e/ou história” do tempo atual.

Um trabalho que exemplifica esta perspectiva é o do pesquisador Sérgio Montero Souto, que, a partir de narrativas apresentadas sobre a performance da seleção brasileira na Copa de 2002 por colunistas esportivos de jornais brasileiros, se propõe a avaliar como estes atores produzem, “usando a força dos jornais para os quais trabalham, um tipo de memória do passado que legitime” uma determinada “representação da seleção brasileira como símbolo da identidade nacional diversa da veiculada pelos que naturalizam o avanço da mercantilização do esporte e ignoram os valores ‘tradicionais’” (SOUTO, 2007, p. 300).

Neste estudo Souto (2007) afirma que os colunistas esportivos atuam como guardiões de tradições, “atuando como construtores da memória de uma determinada época, num processo de permanente reelaboração” (SOUTO, 2007, p. 304). Além disso,

é importante registrar que a trajetória da seleção brasileira ao longo dos anos, bem como sua representação, é, em grande medida, forjada pela imprensa. E que esse processo se dá, ora pelo lado do silêncio, ora pelo lado da lembrança de determinados fatos e acontecimentos, que vão sendo construídos, em sintonia com uma visão de mundo, num processo não-estático e dialético. Tanto o esquecimento quanto a lembrança são construções que ajudam a referendar o poder simbólico e real da imprensa na sociedade e, neste caso, dos colunistas em particular (SOUTO, 2007, p. 304).

E é justamente a busca por narrativas que registrem a atuação da memória nas matérias publicadas após a derrota de 7 a 1 do Brasil para Alemanha na Copa do Mundo de 2014 que será feita a partir de agora.

Procedimentos de pesquisa e narrativas do 7 a 1

Para a realização deste trabalho foram realizados alguns procedimentos de pesquisa. O primeiro foi a leitura atenta dos cadernos de esporte das edições de 9 de julho a 14 de julho de 2014 do jornal *O Globo* e de a *Folha de São Paulo*⁶, intervalo de tempo que vai de um dia após a derrota de 7 a 1 do Brasil para a Alemanha na Copa do Mundo de 2014 até o dia posterior à final da Copa do Mundo de 2014. A intenção foi identificar quais memórias foram acionadas naquele momento para comentar este revés, memórias sobre episódios do passado da seleção, de jogadores brasileiros do passado e da Copa de 1950.

Também consideramos no estudo os cadernos de esporte de *O Globo* e de a *Folha de São Paulo* de 8 de julho de 2015, “aniversário” de um ano do Mineiratzgen⁷.

Isto foi feito com o intuito de testar a hipótese de que a derrota de 7 a 1 do Brasil para a Alemanha está se cristalizando como uma memória da seleção brasileira na Copa de 2014 que perdurará por muito tempo. Também tentamos identificar que usos estão sendo feitos desta memória pela imprensa no espaço de um ano após a realização da partida.

O primeiro passo foi analisar as lembranças acionadas após a derrota do Brasil para a Alemanha na Copa. Para isto, destacamos as narrativas que, de certa forma, localizam este revés na história da seleção brasileira. Em sua capa na edição de 9 de julho, um dia após o jogo, *O Globo* qualifica este episódio na sua manchete como “vergonha, vexame, humilhação”⁸. Já no subtítulo desta manchete a publicação localiza este evento da seguinte forma: “seleção sofre em casa a maior derrota de sua história”.

Na mesma publicação, já na sua chamada de capa, o jornal faz as seguintes considerações sobre este evento: “A seleção brasileira viveu ontem o pior vexame de seus cem anos de história. A derrota para a Alemanha por 7 a 1, no Mineirão, foi a mais humilhante desde 21 de julho de 1914, quando jogou pela primeira vez”.

Na capa do caderno especial da Copa de 2014 *O Globo* mantém o mesmo tom. Os redatores da publicação afirmam, de forma irônica, que a equipe brasileira “fez história”, pois sofreu: “A pior derrota em 100 anos; O mais duro revés de um anfitrião de Mundial; A maior goleada em uma semifinal; O fracasso mais contundente de uma campeã”⁹.

A edição de a *Folha de São Paulo* de 9 de julho tem narrativas que seguem na mesma direção. A manchete de capa define o evento da seguinte forma: “Seleção sofre a pior derrota da história”¹⁰. Ainda na capa esta publicação também define esta como a pior derrota da seleção brasileira: “Pela segunda vez, o Brasil perdeu a chance de tornar-se campeão mundial de futebol em seu país. Se em 1950 o 2 a 1 para o Uruguai teve contornos trágicos, a eliminação de 2014 foi marcada pela humilhação. A seleção conheceu a maior derrota de sua trajetória centenária e o pior revés de um anfitrião de Mundiais”.

A partir destas leituras é possível perceber que as duas publicações desejam localizar a goleada de 7 a 1 da Alemanha sobre o Brasil como a maior derrota da seleção brasileira em sua história. Para fazer esta afirmação os jornalistas fazem uso de lembranças, pois mencionam a marca de 100 anos de história da seleção brasileira, alcançada no dia 21 de julho, para apontarem este revés como o principal da trajetória do time brasileira.

Uma expressão usada de forma irônica por *O Globo* e que deve ser avaliada com atenção é a de que o Brasil “fez história”. Esta expressão comumente usada em matérias jornalísticas quando se deseja destacar que um atleta alcançou um feito notável aparece aqui como a indicação de que este episódio se tornará uma lembrança recorrente quando se falar da participação da seleção brasileira na Copa de 2014.

Por fim também é importante salientar que, ao tentar localizar este episódio na história da seleção, a imprensa esportiva se vale de vários indicadores sobre a equipe, como a de que este foi o pior revés de um anfitrião de Copa, que foi a maior goleada de uma semifinal de Mundial e que esta foi a derrota mais contundente de uma equipe que já conquistou um título mundial.

Um novo Maracanazo?

Uma das lembranças mais ativadas após a derrota do Brasil para a Alemanha foi a da derrota do Brasil para o Uruguai na final da Copa de 1950. Durante as narrativas da imprensa brasileira após a derrota na Copa de 2014 vários foram os usos das lembranças relacionadas ao revés da seleção brasileira no primeiro Mundial realizado em sua casa.

Na *Folha de São Paulo* a citação a este episódio aparece logo na capa da edição do dia 9 de julho. Segundo o periódico, a derrota para a Alemanha fez o Brasil reviver o “trauma de 1950 como anfitrião”¹¹. Já em texto do caderno especial sobre a Copa do Mundo é dito que, com este revés, o Brasil perdeu a chance de superar o que chamou de “vexame de 1950”.

Porém é em *O Globo* que esta ideia aparece com maior força. Na capa do caderno especial sobre a Copa, no subtítulo, aparece, após inúmeras afirmações que tentavam definir a derrota para a Alemanha, a seguinte sentença: “Os jogadores de 1950 estão redimidos”¹².

Com esta declaração, o jornal estabelece um caminho narrativo no qual se propõe a dar um novo significado à derrota de 1950, como fica evidente no texto, carregado de um tom emocional, sobre o jogo de 2014:

*O barulho do silêncio, que ecoou no Maracanã depois da derrota de 1950, soava inexplicável para quem não testemunhou aquela jornada, até que a explosão de gols da Alemanha trouxe um vazio apaziguador no Mineirão. Depois de quase sete décadas condenadas ao limbo, as almas dos vice-campeões se libertaram. Ao longo dos 90 minutos em que as ilusões do hexa se espatifaram contra o muro da realidade, a tragédia de 1950 se transformou definitivamente numa derrota honrosa*¹³.

Em outra matéria, que deveria ser apenas de caráter informativo, aparece outra afirmação que sinaliza que a derrota de 2014 estaria mudando o status da derrota de 1950 e dos jogadores que participaram dela: “Barbosa¹⁴, afinal, pode descansar em paz. O futebol brasileiro tem vexame maior para velar”¹⁵.

Essa ideia também marca presença em uma das colunas esportivas de *O Globo*, a que é assinada por Fernando Calazans. Segundo Calazans, o Brasil assistia no Mundial de 2014 à maior tragédia da história da seleção brasileira:

*O futebol brasileiro pentacampeão do mundo, os donos dos cinco títulos – jogadores, técnicos, torcedores de todas as épocas – não mereciam isso. Não mereciam saber disso, muito menos ver isso, presenciar isso, assistir a isso. Não mereciam passar por essa vergonha, essa tragédia – e, vou dizendo logo, uma tragédia maior, muito maior, do que a vivida no Maracanã, na Copa de 1950, quando perdemos o título para o Uruguai, por 2 a 1*¹⁶.

Contudo, as narrativas dos profissionais da imprensa esportiva não se limitaram a apenas noticiar o episódio. Nos textos é possível perceber que os jornalistas brasileiros expressaram a expectativa de que o 7 a 1 será uma lembrança que perdurará na história da seleção brasileira quando se falar da Copa de 2014.

No jornal *O Globo* de 9 de julho, por exemplo, Fernando Calazans afirma que “esse jogo, essa derrota, essa goleada histórica tem que ser guardada na memória, para marcar o início de uma era de total reformulação”¹⁷. O colunista retorna ao assunto um dia após o final da Copa do Mundo, 14 de julho, e faz a seguinte previsão: “Os 7 a 1 existiram e, pior, continuarão existindo por muito tempo”¹⁸.

Quem também expressa uma opinião neste sentido é outro colunista de *O Globo*, Luis Fernando Verissimo em coluna de 11 de julho: “No futuro, quando mentes mais frescas do que as nossas tentarem racionalizar o que houve, só conseguirão repetir nossa perplexidade, e assim será por todos os tempos. Alemanha 7, Brasil 1 não foi um jogo de futebol (...) é um pesadelo do qual estamos tentando acordar”¹⁹. Já em coluna de 13 de julho Verissimo vaticina: “Nunca houve um resultado tão esdrúxulo na história das Copas. E nós jamais o esqueceremos (...) sempre que pensarmos nessa Copa pensaremos no 7 a 1”²⁰.

Um ano após o Mineiratzén

No dia 8 de julho de 2015 se alcançou a marca do primeiro ano desde a goleada de 7 a 1 da Alemanha sobre o Brasil na Copa de 2014. Nesta data este evento recebeu amplo destaque dos meios de comunicação. Um exemplo foi a *Folha de São Paulo*. Nesta data, a publicação paulista apresenta em seu caderno de esportes uma série de reportagens sobre o 7 a 1. A primeira delas afirma ter o intuito de apresentar “os bastidores de uma tragédia”²¹, para isto apresenta relatos de fontes que teriam acesso ao vestiário da equipe brasileira. Entre estes relatos se destaca um: “relatos de quem frequentava o vestiário da seleção brasileira há mais de uma década dizem que nunca se viu um clima tão ruim e um silêncio mais latente do que o daquele dia”, após a derrota para a Alemanha.

Porém, são nos espaços destinados aos colunistas esportivos do jornal que se encontram as representações mais ricas sobre a derrota de 7 a 1 do Brasil para a Alemanha.

Em texto de título “Um ano depois do vexame, está 10 a 1 para a Alemanha”²² Juca Kfoury afirma que “parece que foi ontem” que a derrota para a Alemanha aconteceu, fato este, que, segundo ele, “jamais será esquecido”, declaração que mostra a força desta memória. Com o intuito de dimensionar, localizar, enquadrar a narrativa desta derrota dentro da história do futebol brasileiro, o jornalista cita a derrota de 2 a 1 do Brasil para o Uruguai no Mundial de 50: “Não como o luto de 1950, mas como o vexame de 2014”.

A lembrança do 7 a 1 leva outro cronista esportivo da *Folha de São Paulo* a fazer uma avaliação crítica, Tostão. No texto de título “Um ano perdido”²³ ele diz: “Passado um ano do vexame, o futebol brasileiro está no mesmo lugar, sem identidade, perdido”. Contudo, antes desta afirmação ele critica os dirigentes do futebol brasileiro por não darem a importância devida a uma tragédia que ainda ecoa:

Para assimilar, conviver bem e renascer após uma tragédia, sem esquecê-la, é necessário, durante um tempo variável, refletir, vivenciar, com tristeza, a perda, o luto. A CBF, com a maioria dos treinadores brasileiros, fez o contrário, ao negar, ao não dar importância ao 7 a 1, como se fosse apenas um apagão.

Ainda em *Folha de São Paulo*, quem opta por um caminho diferente é o jornalista Paulo Vinícius Coelho. Ele se propõe a apresentar a “autópsia de um vexame”. O argumento central do texto é o de que é necessário fazer o diagnóstico exato de um male para que se encontre a cura dele. No caso, o autor deseja apresentar o diagnóstico para o “maior vexame” da história do Brasil, e para o qual até hoje se busca a explicação.

No mesmo dia, o jornal *O Globo* publicou uma página inteira no seu caderno de esportes para recordar a derrota de 7 a 1 para a Alemanha na Copa de 2014. Porém, as publicações sobre esta partida não se limitaram a esta edição. Entre os dias 5 e 9 de julho este episódio foi alvo da atenção do diário carioca, que, inclusive, criou uma retransmissão especial para estas matérias: “Alemanha 7 x 1 Brasil, um ano depois”²⁴.

Contudo, a matéria mais emblemática de *O Globo* para a presente análise é a publicada no dia 8 de julho, que tem o sugestivo título: “7 pecados capitais, a cada gol da Alemanha, uma explicação para o maior vexame da história do futebol brasileiro”²⁵.

No texto, o jornalista Lauro Neto diz que ter conversado com “ex-jogadores, técnicos, dirigentes, comentaristas esportivos, psicólogos e acadêmicos” com a intenção de apresentar formas de resgatar o futebol brasileiro dos sete pecados capitais:

Transformar a gula, em fome de bola; a preguiça, na garra de correr em campo; a inveja, que sentimos de alemães, argentinos, chilenos e até paraguaios, em trabalho; a ira, no jogo limpo; a luxúria das festas mesmo após as derrotas, em comemorações por taças erguidas; a ganância por salários estratosféricos, na ambição de vencer em campo; a soberba de achar que somos os melhores do mundo, na humildade de que temos muito que aprender e evoluir.

Como se pode perceber, a partir dos textos observados aqui, a lembrança da derrota de 7 a 1 para a Alemanha ainda reverbera com força nas narrativas da imprensa brasileira.

Considerações finais

A primeira consideração a ser feita ao final deste trabalho é a de que é possível constatar após a análise dos textos apresentados que um ano após a da derrota do Brasil para a Alemanha esta lembrança passa por uma espécie de cristalização na imprensa brasileira. Mesmo um ano após o revés, ele continua a ser assunto entre os jornalistas esportivos.

Em segundo lugar, deve-se destacar a forma como o 7 a 1 é categorizado pela imprensa. A ideia apresentada um dia após o jogo de que o mesmo foi uma vergonha, uma tragédia, uma humilhação e a principal derrota da história da seleção brasileira é a que permanece cristalizada entre a imprensa.

Também é curioso perceber como as narrativas em torno do revés de 2014 muda o entendimento sobre a derrota do Brasil em 1950. Fica-se com a impressão de que o Maracanazo não é mais a principal tragédia do futebol brasileiro, mas sim o Mineiratzem.

Por fim deve-se destacar o uso feito da memória do 7 a 1 um ano depois do evento. Em 2015 há um entendimento de que o futebol brasileiro vive uma crise (seja no aspecto esportivo, administrativo ou político), e este revés seria um exemplo claro desta crise.

Desta forma, chega-se ao final deste trabalho com a impressão de que as pesquisas em torno das narrativas do 7 a 1 se mostram como um rico campo de trabalho. O próprio fato de este trabalho não conseguir indicar todas as narrativas sobre esta derrota que provavelmente passarão a ser parte do rol de lembranças sobre Copa de 2014 mostra o quanto este é um campo de estudos fértil.

Referências bibliográficas

- BREFE, Ana Cláudia Fonseca. Pierre Nora, ou o Historiador da Memória (entrevista). *História Social*. Campinas, 1999, p. 13-33.
- DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DA MATTA, Roberto (Org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke, 1982.
- FRANZINI, Fabio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: DEL PRIORE, Mary; DE MELO, Victor Andrade. *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. Editora Unesp, 2009.
- FREYRE, Gilberto. Foot-ball Mulato. *Diário de Pernambuco*, Recife, 17 junho de 1938, p. 4.
- GIL, Gilson. O drama do futebol-arte: o debate sobre a seleção nos anos 70. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 25, p. 100-109, Junho 1994.
- GUEDES, Simoni Lahud. *Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil*. In: DEL PRIORE, Mary; DE MELO, Victor Andrade. *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. Editora Unesp, 2009.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Lisboa: Edições 70, 1982.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart; BRASILIENSE, Danielle Ramos. *Memória e narrativa jornalística*. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves (Org.). *Mídia e memória: a produção dos sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 219 - 235.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *A mídia e o lugar da história*. In: HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (Org.). *Mídia, memória & celebridades*. Rio de Janeiro: E-papers, 2003. p. 189 - 205.
- SARMENTO, Carlos Eduardo. *A construção da Nação Canarinho: uma história institucional da seleção brasileira de futebol, 1914-1970*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- SOUTO, Sérgio Montero. *Colunistas em campo pela tradição: as memórias da seleção brasileira na Copa de 2002*. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves (Org.). *Mídia e memória: a produção dos sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 297 - 317.

Notas

1. Além da expectativa no âmbito esportivo, havia uma expectativa fora do universo do futebol de que o Brasil passasse no teste de organizar um megaevento como uma Copa do Mundo.
2. Freyre cria a nomenclatura *Foot-ball Mulato* em artigo publicado no dia 17 de junho de 1938 no *Diário de Pernambuco* para descrever o estilo de jogo dos atletas brasileiros. Hoje, o que Freyre chamou então de *Foot-ball Mulato*, é identificado como o futebol-arte.
3. Esta conferência, de título Memória, esquecimento, silêncio, foi proferida no ano de 1987 no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), e está publicada em artigo.
4. A categoria lugares de memória surge no âmbito dos estudos sobre a memória. Elaborada pelo historiador francês Pierre Nora, ela privilegia a dimensão simbólica da história. Assim, o olhar do historiador não se limita ao aspecto material de um objeto de estudo. Porém, como Nora afirma em entrevista concedida à doutora em história Ana Cláudia Fonseca Brefe, é feito um movimento para “libertar a significação simbólica, memorial – portanto abstrata – dos objetos que podem ser materiais, mas na maior parte das vezes não o são” (BREFE, 1999, p. 30).
5. Ao se referir a identidades coletivas, Pollak (1992, p. 207) afirma que está “aludindo a todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, todo o trabalho necessário para dar a cada membro do grupo – quer se trate de família ou de nação – o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência”.
6. A escolha de *O Globo* e de a *Folha de São Paulo* se dá porque estes são os dois maiores jornais em circulação do Brasil, segundo pesquisa divulgada em maio de 2015 pelo Instituto Verificador de Comunicação (IVC). Esta informação está na seguinte matéria: Circulação dos cinco grandes jornais cresce. Disponível em <<http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/noticias/2015/05/26/Circulacao-dos-cinco-grandes-jornais-.html>>. Acesso em: 13 jul. 2015.
7. Mineiratzem foi o termo usado por parte da imprensa para se referir à derrota de 7 a 1 do Brasil para a Alemanha pelas semifinais da Copa do Mundo de 2014. O jogo aconteceu no estádio do Mineirão em 8 de julho de 2014. O termo Mineiratzem faz referência ao Maracanazo (derrota do Brasil para o Uruguai em jogo decisivo do Mundial de 1950) e carrega consigo um componente trágico.
8. *O Globo*, 9 jul. 2014, p.1.
9. *O Globo*, 9 jul. 2014. Copa 2014, p.1.
10. *Folha de São Paulo*, 9 jul. 2014, p.1.
11. *Folha de São Paulo*, 9 jul. 2014, p.1.
12. *O Globo*, 9 jul. 2014. Copa 2014, p.1.
13. *O Globo*, 9 jul. 2014. Copa 2014, p.4.
14. Este comentário faz menção ao goleiro da seleção brasileira na Copa de 1950, Barbosa, que é apontado como um dos principais responsáveis pela derrota do Brasil para o Uruguai na final da competição ao ter cometido falhas.
15. *O Globo*, 9 jul. 2014. Copa 2014, p.6.

16. *O Globo*, 9 jul. 2014. Copa 2014, p.2.
17. *O Globo*, 9 jul. 2014. Copa 2014, p.2.
18. *O Globo*, 14 jul. 2014. Copa 2014, p.2.
19. *O Globo*, 11 jul. 2014. Copa 2014, p.12.
20. *O Globo*, 13 jul. 2014. Copa 2014, p.12.
21. *Folha de São Paulo*, 8 jul. 2015. Esporte, p. B7.
22. *Folha de São Paulo*, 8 jul. 2015. Esporte, p. B7.
23. *Folha de São Paulo*, 8 jul. 2015. Esporte, p. B10.
24. A primeira matéria da série, publicada no dia 5 de julho, se propõe a apresentar um perfil de sete culpados (entre jogadores e membros da comissão técnica) pela derrota do Brasil para a Alemanha. A segunda matéria, publicada em 6 de julho, é uma entrevista com o coordenador técnico da seleção brasileira na Copa de 2014, Carlos Alberto Parreira. No dia 7 de julho, o jornal publica as memórias do técnico da seleção da Alemanha, Joachim Löw, sobre o jogo em questão. Por fim, no dia 9 de julho, *O Globo* publica uma matéria na qual expressa o temor de que ao constatar que a seleção não melhorou nada um ano após o 7 a 1 ela venha a enfrentar dificuldades nas Eliminatórias para a Copa do Mundo de 2018, inclusive correndo o risco de ficar, pela primeira vez, fora de uma edição do Mundial.
25. *O Globo*, 8 jul. 2015. Esportes, p.28.